

# A ENFERMIDADE DAS ABELHAS EM COLUMELA E EM VIRGÍLIO

Gilson José dos Santos

Universidade Federal de Uberlândia

<https://orcid.org/0000-0001-9799-2672>

[gilsonsantos2105@hotmail.com](mailto:gilsonsantos2105@hotmail.com)

## RESUMO

Neste artigo, analisamos comparativamente dois trechos selecionados das *Geórgicas*, de Virgílio, e do livro IX do *De re rustica*, de Columela – ambos referentes à apicultura; mais especificamente, à enfermidade e morte das abelhas. Esse exame tem por objetivo principal estudar o tratamento linguístico-literário decorrente de orientações genéricas distintas que os autores conferem às suas obras. O estudo apresenta quatro partes: na primeira delas, apresentamos informações biobibliográficas de Lúcio Moderato Columela; na segunda, dedicamo-nos brevemente ao pensamento político-econômico e social de Columela; na terceira, analisamos comparativamente dois trechos selecionados do livro IX do *De re rustica* de Columela e do canto IV das *Geórgicas* de Virgílio; e, por fim, esboçamos uma espécie de conclusão.

**Palavras-chave:** Literatura agrária romana, poesia didática, *De re rustica*, *Geórgicas*.

## ABSTRACT

In this article, we comparatively analyze two selected excerpts from the *Georgics* (IV), by Virgil, and from the book IX of *De re rustica*, by Columella – both referring to beekeeping; more specifically to the illness and death of bees. This examination aims to study the linguistic-literary treatment resulting from distinct generic guidelines that the authors give to their works. The study presents four parts: in the first of them, we present biobibliographic information of Columella; in the second, we briefly dedicate ourselves to the political-economic and social thinking of Columella; in the third, we comparatively analyzed two selected excerpts from book IX of Columella's *De re rustica* and Virgil's *Georgics* (IV); and finally, we draw a kind of conclusion.

**Keywords:** Roman agrarian literature, didactic poetry, *De re rustica*, *Georgics*.

## I<sup>1</sup>

Em termos gerais, a tradição agrônômica europeia abarca dois modos de saber, que, por sua vez, correspondem a duas atitudes distintas frente à realidade.

<sup>1</sup> Neste artigo, retomo e desenvolvo parte de minha dissertação de Mestrado em Estudos Literários (Estudos Clássicos), intitulada “Literatura agrária latina: tradução e estudo do *De re rustica* (livro IX) de Columela e das *Geórgicas* (Canto IV) de Virgílio”, sob orientação do prof. Dr. Matheus Trevizam (UFMG). (Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/ECAP-9GXP94>>)

O primeiro se refere a um saber tradicional, conservador e prático. Trata-se de uma forma de conhecimento muito antiga e difundida via tradição oral. O segundo se refere a um saber que, experimental e inovador, hoje chamamos “científico” ou “técnico”. Este seria a Agronomia *stricto sensu*, ciente de seu papel crítico em relação às concepções e técnicas empregadas na agricultura tradicional. Trata-se de um conhecimento quase inacessível ao pequeno agricultor, por razões econômicas e culturais, e transmitido, sobretudo, por meio de textos escritos. Essa distinção entre os dois tipos de saber agrônomo nos ajuda a situar Columela<sup>2</sup> no panorama cultural do período imperial romano. O agrônomo seria um representante dessa agronomia “científica”. O objetivo de sua obra<sup>3</sup> é claro: racionalizar os modos e técnicas de produção, a fim de aumentar os rendimentos do produtor rural. Contudo, encontram-se também em seu tratado convenções e elementos religiosos tradicionais, como, por exemplo, uso do critério de autoridade para justificar certas técnicas agrícolas e indicação de crenças e de práticas supersticiosas. As duas formas de saber agrônomo que indicamos acima ocorrem separadas, apenas, talvez, em épocas recentes. (Cf. ARMENDÁRIZ, 1995. p. 17-18)

<sup>2</sup> As informações de que dispomos a respeito do agrônomo foram, em geral, colhidas por estudiosos no interior de sua própria obra agrônômica. Essas notícias, por serem escassas, privaram-nos de conhecimentos mais apurados acerca de sua biografia. Sabe-se que *Lucius Iunius Moderatus Columella* nasceu em Cádiz (Espanha) na primeira metade do século I d.C., durante o período imperial de Cláudio Tibério Druso. De sua família, quase nada conhecemos, a não ser que foi seu tio e possivelmente seu mestre Marco Columela, homem douto e agricultor aplicado. Na Bética, deve ter passado a infância e a juventude; depois transferiu-se para Roma, sem que suas atividades na *Urbs* sejam conhecidas. (Cf. ARMENDÁRIZ, 1995, p. 25.) Em Roma, manteve relações com membros dos círculos sociais mais elevados, como o filósofo Sêneca e seu irmão, Galião, a quem se refere em sua obra de modo familiar. [Cf. COLUMELA, 1968. v.1 (III, 3, 3); e v.3 (IX, 16, 2).] Infere-se a partir do *De re rustica* (III, 3, 2) que viveu na época de Nero, porque menciona uma propriedade de Sêneca em Nomento, célebre por sua produção vinícola. Da leitura de seu tratado avalia-se que dedicou grande parte de seu tempo à exploração de suas propriedades agrícolas nos arredores de Ardea, Carsioli ou Alba – três locais do Lácio. [Cf. COLUMELA, 1968. v.1 (I, 3, 3) e (III, 9, 2).] A data de seu falecimento é desconhecida, mas acredita-se que morreu em idade avançada.

<sup>3</sup> De seus escritos conservaram-se o *Liber de arboribus* (“O livro das árvores”) e o *De Re Rustica* (“Da agricultura”), que abriga doze livros em prosa, exceto o livro X (*De cultu hortarum*, “Da cultura das hortas”), escrito em versos e idealizado como um complemento ao canto IV das *Geórgicas*. O tratado técnico – não somente sua *opus magnum* senão o texto mais importante que se conservou acerca da atividade agrícola de toda a antiguidade (AGUILAR, 2006, p. 264) – é dedicado a Públio Silvino, conhecido unicamente pela menção em cada um dos doze livros. O *Liber de arboribus* foi transmitido em todos os códices inserido como terceiro livro do *De re rustica*, o que fazia o tratado somar treze livros, contrariando a nota posta ao final do livro XI, que se refere a doze livros. Tal organização se manteve até a edição de Aldo Manúcio (Veneza, 1514), que estabelece a distribuição dos doze livros do *De re rustica*, separando o *Liber de arboribus* como temos até hoje. (Cf. ARMENDÁRIZ, 1995, p. 26-27.)

Nesse sentido, o método de Columela se afasta da atitude comum de agrônomos anteriores, que fazem concessões excessivas às *auctoritates*. (Cf. ARMENDÁRIZ, 1995, p. 31.) O exame crítico das informações fundava-se em sua experiência pessoal, como agricultor aberto a inovações vantajosas, e no juízo crítico, refinado na leitura dos autores mais conceituados. A bibliografia indicada no livro I do *De re rustica* (I, 1, 7-14) abarca mais de cinquenta autores; entre eles: gregos (Hesíodo, Demócrito, Xenofonte, Aristóteles, Teofrasto, e outros), romanos (Catão, Varrão, Virgílio, Higino, Cornélio Celso, e outros), e o cartaginês Magão. Os autores latinos e Magão são as fontes mais comuns. Entre eles, Virgílio constitui um caso especial, pois se configura como o poeta modelar, o que não impede, porém, de contestar-lhe as teses, quando julga necessário. Essa atitude “científica” revela que o agrônomo selecionava e criticava as informações colhidas em fontes variadas, não se permitindo, simplesmente, compilar e divulgar informações e teorias expostas por seus predecessores.

## II

Os dois primeiros séculos do Império Romano – do governo de Augusto (27 a.C.-14 d.C.) até, aproximadamente, ao de Antonino Pio (138-161) – constituíram a época mais florescente da história político-econômica e cultural de Roma. Nessa fase, o Império atingiu a máxima extensão geográfica, conheceu um período relativamente pacífico e se manifestou um surto de desenvolvimento econômico. A produção agrícola cresceu em locais onde a agricultura já era tradicionalmente importante, como no Egito e na África, e se desenvolveu em territórios até então atrasados, como no Norte do Império. Esse crescimento quantitativo e qualitativo da produção deveu-se à introdução de novas espécies vegetais e animais oriundas do Sul da Itália em outras localidades do Império, ao desenvolvimento de técnicas agrícolas e de métodos produtivos mais rentáveis em propriedades médias e grandes e ao emprego de mão de obra especializada. (Cf. SIRAGO, 1995, p. 249.)

A apicultura também experimentou grande desenvolvimento técnico nesse período. Em Roma antiga, ela não apenas constituía parte integrante do quadro econômico e produtivo,<sup>4</sup> mas também fornecia ao imaginário coletivo o repertório linguístico-literário que traduzia relações de poder, exemplo de organização social e modelo de governo que parcela da aristocracia julgava

<sup>4</sup> Na redação deste item, baseamo-nos no estudo já clássico e incontornável de René Martin – *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales* (Paris: Les Belles Lettres, 1971).

ideal,<sup>5</sup> como veremos logo adiante (parte III). No pensamento político-econômico e moral de Columela, a apicultura desempenha importante papel. Dos doze livros do *De re rustica*, dedica-lhe integralmente o livro IX e se refere às abelhas em outras partes da obra, em especial nos livros X e XI, em que trata da cultura do horto e das plantas que se relacionam à criação de abelhas.

Columela propõe a primazia da agricultura sobre todas as outras formas de atividades humanas. Ela gozaria não somente de primazia moral, mas também econômica; e porque a agricultura é indispensável à sobrevivência da humanidade, a classe dos agricultores é a primeira em dignidade: *sine agricultoribus nec consistere mortales nec ali posse manifestum est* (COLUMELA, v. I, p. 6), “sem agricultores é manifesto que não podem subsistir nem alimentar os mortais”. Ele considera uma contradição a enorme importância da *res rustica* e a indiferença de que ela é objeto. A agricultura itálica não é mais a fonte principal de riqueza e as técnicas agrícolas estão obsoletas, mas essa atividade ainda seria a forma mais honesta de se enriquecer. O agrônomo analisa as atividades lucrativas a que se dedicam seus contemporâneos e traça um quadro notável da vida econômica de Roma. Todas as atividades outras que não a agricultura, estima Columela, *dissent a iustitia* (COLUMELA, v. I, p. 6), “afastam-se da justiça”. A agricultura não só é mais justa do que as outras atividades, mas ainda é a única a estar em conformidade com esta *iustitia*, “justiça”, que ele não define, mas se infere a partir dos exemplos que aventa. Ele lista e comenta, nesta ordem: a guerra, o comércio marítimo, a usura, a delação e a situação de cliente.

A guerra, por exemplo, não é condenada em si, porque em outra passagem elogia a virtude militar dos velhos romanos (*uera illa Romuli proles assiduis venatibus nec minus agrestibus operibus exercitata, firmissimis praevaluit corporibus ac militiam belli* (COLUMELA, v. I, p. 14), “aquela verdadeira descendência de Rômulo exercitada assiduamente na caça e não menos nos trabalhos dos campos, de corpos muito firmes suportou o serviço militar”), mas a guerra de conquista produtora de botim (*militia, quae nobis nihil sine sanguine et cladibus alienis adfert* (COLUMELA, v. I, p. 6), “a guerra que nada nos traz sem sangue e destruição alheia”).

O comércio marítimo é descrito como loucura, atividade moralmente condenável e criminosa. O seu caráter imoral vem do fato de constituir-se uma violação das leis da natureza. Aqui, o contexto é claramente estoico, apresentando o *negotiator* como aquele que desafia a natureza e se expõe à cólera dos ventos e do mar (*uentorum et maris obiectus irae* (COLUMELA, v. I, p. 6), “exposto à ira dos ventos e do mar”). E o termo “ira” não é apenas figura retórica, mas a consequência do sacrilégio cometido; ela é uma cólera

<sup>5</sup> Cf. CARVALHO, 2021, p. 158.

justificada que o homem mereceu por sua audácia. De onde a ironia que se exprime na fórmula *ritu uolucrum*, “de modo semelhante às aves”, que converte o *negotiator* em ave migratória, que em vez de viver em seu país percorre um mundo que ele mesmo não tem tempo de conhecer, porque não se detém em parte alguma. Para Columela, o agricultor não é somente um homem honesto, ele vive de acordo com a *iusitia* e com as leis da natureza. Esses acentos de cólera parecem relacionar-se a uma questão político-econômica: a classe rural que Columela representa se sente ameaçada pela classe dos *negotiatores*, que obtém elevados lucros no comércio marítimo.

Continuando a análise das atividades lucrativas em Roma, Columela se detém sobre o *caninum studium* (COLUMELA, v. I, p. 8), “profissão canina”, isto é, a delação. Ele a considera um *latrocinium* (“roubo à mão armada”) que em sua época foi legalizado e admitido dentro das muralhas e até em praça pública. Columela se opõe claramente ao regime que a fez um de seus pilares, porque a dinastia júlio-claudiana eleva a delação à prática oficial e fonte de recursos para o Estado. O ataque de Columela assume um significado moral e político; ele se opõe ao regime e aos homens que aceitam fazer carreira nele.

Por fim, Columela denuncia aqueles homens que se apresentam à porta dos *potentiores*, “poderosos”. Os homens a que ele se refere são aqueles que buscam obter “a honra dos poderosos e o mando” – *fascium decus et imperium* – (COLUMELA, v. I, p. 8), e se submetem à situação de clientes. Nota-se que as críticas do agrônomo assumem caráter moralizante, que é uma maneira de exprimir, ainda que lateralmente, concepções político-filosóficas em um regime autoritário.

Diante da crise agrícola de seu tempo, Columela não se limita a diagnosticar o problema e determinar suas causas; ele exhibe uma atitude comprometida com a questão rural, manifesta desde o início de seu tratado, e propõe um certo número de medidas contra o abandono reinante dos campos e a implementação racional de formas de produção. Para ele, a ciência agrônoma abarca um conjunto extenso de conhecimentos que o produtor rural deve adquirir. O agricultor deve ter uma formação apropriada, sob a orientação de professores competentes; e, passando em revista a arte oratória, a matemática, a música, a dança, a arquitetura, a navegação e a arte militar, ele constata que todas essas disciplinas são objeto de ensino, mas em Roma a ciência agrônoma não tem mestres nem alunos: *agricolationis neque doctores, qui se profiterentur, neque discipulos cognoui* (COLUMELA, v. I, p. 6), “Não conheci nem doutores nem alunos que se dediquem à agricultura”. A imagem que formula do agricultor é a de um sábio. Neste ponto, seu pensamento se encontra com o de Virgílio nas *Geórgicas* (II, 490). Para Virgílio, havia uma sabedoria propriamente filosófica, suscetível de ser apreendida pelo conhecimento intelectual (*felix qui potuit rerum cognoscere causas*, “feliz quem pôde conhecer as causas das coisas”) e outra forma mais simples e não menos

autêntica (*fortunatus et ille deos qui novit agrestis* (Geórg. II 493.), “afortunado também quem conheceu os deuses dos campos”), própria do espírito ingênuo e ignorante que vive em contato com a terra e com a natureza, aquela dos pequenos agricultores. Segundo René Martin, a oposição entre as duas formas de sabedoria é em certa medida uma oposição em Epicurismo e Estoicismo, que Virgílio tenta conciliar em uma síntese original.<sup>6</sup>

Columela, contrariamente, é antiepicurista; e das duas formas de sabedoria que Virgílio tenta conciliar não preservou senão a segunda: a sabedoria rústica. Columela demonstra verdadeira indiferença aos estudos desinteressados da prática; ele privilegia a atividade prática sobre a reflexão desinteressada, a produção sobre a contemplação: em IX, 2 ele se refere com desdém àqueles que investigam “os segredos da natureza” (*rerum naturae latebras*) e àqueles que têm tempo de ler no ócio (*in otio legentibus*), que ele contrapõe “aos atarefados agricultores” (*negotiosis agricolis*). Ele opõe ócio à sabedoria; para ele, a vida agrícola é essencialmente um *negotium*, mas, paradoxalmente, é isso mesmo que a torna sábia, porque não deixa ao espírito tempo para futilidades: longe de ser um *otiosus*, o proprietário que ele apresenta como modelo a seus leitores se parece um *occupatus* que adquire conhecimentos práticos e consagra todo tempo à gestão de seus afazeres.

De onde outra recomendação do agrônomo: o proprietário deve residir em seu domínio ou passar nele todo o tempo que as ocupações urbanas deixam disponível. Parece correto inferir que Columela prefere a ideia de “produtor agrícola” à de “proprietário agrícola”, embora tal concepção implique que cada proprietário não possua mais do que um único domínio. Mas essa é uma imagem ideal, que nem o próprio Columela preenche, porque sabemos que ele tinha pelo menos três propriedades nos arredores de Roma. [Cf. COLUMELA, 1968. v. I (I, 3, 3) e (III, 9, 2).]

Mas o produtor rural, segundo Columela, não deve apenas ser instruído em todas as coisas do campo e residente em seu domínio, ele deve possuir capital suficiente para realizar os investimentos elevados, mas indispensáveis, que ele chama *facultas ac uoluntas impendendi* (COLUMELA, 1968. v. I: I, 1, 18), “vontade e recursos para fazer”. A sua concepção de agricultura pressupõe investimentos altos para obtenção de lucros também elevados, porque essa atividade não é rentável senão em alto nível técnico; de onde a necessidade de possuir o melhor material, escravos competentes e bem nutridos.

<sup>6</sup> “L’opposition entre ces deux formes de sagesse est dans une certaine mesure une opposition entre épicurisme et stoïcisme – car s’il y a, bien entendu, toute une Physique Stoïcienne, elle est loin d’être indispensable à la morale au même titre que la Physique épicurienne... entre les deux sagesse Virgile se refusait à choisir une fois pour toutes, et tentait de les réunir en une synthèse originale.” (MARTIN, 1971, p. 313)

Tais são as concepções mais relevantes do pensamento político-econômico de Columela. Em conjunto constituem uma análise da economia agrícola romana. Passemos, agora, à apicultura – tipos de abelhas, doenças que lhe atingem e bugonia –, importante atividade econômica de Roma.

### III

Em Roma antiga (como já dissemos – item II), a apicultura fornecia ao imaginário coletivo repertório linguístico-literário que traduzia aspectos vários da vida e da cultura romana, como, por exemplo, relações de poder e modelo de governo e de organização social.

A seguir, analisemos comparativamente dois trechos selecionados do *De re rustica* e das *Geórgicas*: o primeiro – *Geórg.* (IV 251-263) e *DRR* (IX, 13) – se refere à caracterização fisiológica das abelhas enfermas; o segundo – *Geórg.* (IV 295-314) e *DRR* (IX, 14) –, à descrição da *bugonia*, crença (na Antiguidade) de que a partir da carcaça de um bovino ocorreria geração espontânea de abelhas. Esperamos compreender um pouco melhor o tratamento linguístico-literário decorrente de orientações genéricas distintas que os autores conferem às suas obras.

#### a) Enfermidades das abelhas – *Geórg.* (IV 251-263) e *DRR* (IX, 13)

Este tema se refere à caracterização fisiológica das abelhas enfermas e dos diferentes medicamentos que lhes são ministrados, segundo o mal que as aflige.

Virgílio assume uma perspectiva antropomórfica ao abordar as enfermidades das abelhas (*Geórg.* IV 251-263), o que compromete em princípio a descrição técnico-científica de seus males e aproxima esses pequenos insetos do universo humano. Tal movimento de identificação do universo natural ao humano, que nas *Geórgicas* se intensifica à medida que se avança nos cantos até atingir seu ponto máximo neste canto final, transfigura as abelhas em espelho dos homens: fato linguístico e simbólico que tem sido destacado por críticos como um dos procedimentos poéticos que devem ser considerados na leitura do texto. (Cf. TREVIZAM, 2006, p. 329.)

Os dois primeiros versos (*Geórg.* IV 251-252) estabelecem uma analogia entre a vida humana e a vida das abelhas: *casus apibus quoque nostros uita tulit*, “a vida também trouxe às abelhas nossos acidentes”, e seus corpos enlanguescem *tristi... morbo*, “com triste doença”. Em seguida, enumeram-se cinco sinais indicativos de doença: *alius color* (*Geórg.* IV 254), mudança de cor; *horrida... macies* (IV 254-254), magreza excessiva; *pedibus conexae ad limina pendent* (*Geórg.* IV 257), dependuram-se pelas patas às soleiras; *intus*

*clausis cunctantur in aedibus omnes* (IV 258), demoram-se todas no interior das colmeias; e *tractimque susurrant* (Geórg. IV 260), zumbem sem interrupção. Tais sinais (como veremos ao ler a passagem análoga em Columela) parecem indicar doenças distintas, que, portanto, exigiriam diferentes medicamentos segundo as causas específicas em que têm origem; o que não ocorre aqui. Do ponto de vista técnico-científico, o trecho carece de informatividade e detalhamento instrucional, donde os sinais serem insuficientes para que o apicultor identifique as enfermidades que afligem as abelhas e as combata de modo eficiente (essa espécie de conclusão antecipada ficará mais clara quando comentarmos os trechos selecionados para estudo da obra *De re rustica*, de Columela). Tal estruturação, que parece contrariar a função primária de um texto didático – informar com a clara finalidade de permitir uma ação; embora, ressaltemos, existam vários graus de comprometimento da poesia didática com a informatividade –, obedece a uma arquitetura calculada do conteúdo: os dois primeiros sinais de enfermidade atribuídos às abelhas, mudança de cor (*alius color*) e magreza excessiva (*horrida... macies*), também são eventualmente comuns aos seres humanos doentes. Essa indistinção de sinais reforça a analogia entre os dois seres – analogia à que já nos referimos –, transferindo para esses insetos atributos tipicamente humanos, como revela a atitude das companheiras de, logo após esses sinais, conduzirem os corpos das *luce carentum* (Geórg. IV 255), “carentes de luz” em *tristia funera* (Geórg. IV 256), “tristes funerais”. Tais expressões são privativas do universo humano por remeterem a aspectos culturais que os animais desconhecem, o que indica que esses insetos foram antropomorfizados. Em outros termos: da totalidade de preceitos úteis e práticos à apicultura, Virgílio seleciona apenas os que convêm à finalidade artística e gravidade moral do poema. Os dois sinais subsequentes, embora apresentem termos que evocam a realidade humana, como, por exemplo, *limina* (Geórg. IV 257), “soleira da porta” e *aedibus* (Geórg. IV 258), “habitação”, exibem comportamentos característicos das abelhas doentes em conformidade com os preceitos meramente instrucionais, conferindo equilíbrio ao trecho ao retomar o tratamento didático do tema, preparando a apresentação do sinal que encerra a descrição de suas enfermidades. Esse último indício de doença assume a forma de um símile, cujo primeiro membro da comparação – *tractimque susurrant*, “zumbem sem interrupção” – ostenta o verbo onomatopaico *sussurant* (de *sussuro*), dicionarizado com significados que remetem primeiro ao universo humano, “sussurrar, falar por entre os dentes”, embora admita, em segundo plano, acepção própria às abelhas, “zumbir”. A segunda parte do símile exhibe três orações coordenadas (Geórg. IV 261-263): *frigidus ut quondam siluis immurmurat Auster*, “como o frio Austro murmura às vezes nas florestas”; *ut mare sollicitum stridit refluentibus undis*, “como o mar agitado brama ao refluir das ondas”; e *aestuat ut clausis rapidus fornacibus ignis*, “como arde o fogo impetuoso nos cerrados fornos”. Os três



símiles são adaptações abreviadas de Homero (*Il. XIV, 394-399*)<sup>7</sup>, em que o confronto entre gregos e troianos é comparado primeiro ao bramido do mar agitado pelo impetuoso vento norte, depois ao som de chamas que consomem florestas verdejantes e, enfim, ao som do forte vento nas copas dos carvalhos. Virgílio comprime em um único período o símile homérico e reorganiza a ordem e os detalhes para que o frio vento sul (*frigidus... Auster*) e as ardentes chamas (*aestat... ignis*) emoldurem a série. (Cf. THOMAS, 2003, p. 193.) Devemos notar que o símile se caracteriza pelo confronto de seres diferentes, dos quais um com sentido real se identifica com outros mais expressivos, a fim de amplificar o primeiro; nesse caso, o zumbido das abelhas. Mas o segundo termo (mais expressivo) deste símile é formado por elementos que representam ameaças naturais às abelhas: vento, água e fogo; logo, a doença das abelhas é apresentada como excesso e desequilíbrio de temperatura.

Columela, por sua vez, descreve de modo técnico e objetivo as enfermidades das abelhas, indicando-lhes os remédios segundo as causas apontadas. Na passagem em análise, ele distingue duas categorias de enfermidades:

*Pestilentiae rara in apibus pernicies, nec tamen aliud, quam quod in cetero pecore praecipimus, quid fieri possit reperio, nisi ut longius alvi transferantur.* (COLUMELA, *DRR IX*, 13, 1)

A doença da pestilência é rara nas abelhas, e, contudo, não encontro algo que se possa fazer diferentemente do que recomendamos para os outros animais, exceto que as colmeias sejam transferidas para mais longe. (Trad. nossa)

A primeira delas é a pestilência, que raramente acometeria esses insetos, mas não pode ser tratada com os medicamentos usuais por não ter causa conhecida. Então, o agrônomo recomenda o que prescreve a outros animais afligidos por tal enfermidade, *ut longos alvi transferantur*, “que as colmeias sejam transferidas para mais longe”. Nota-se que as abelhas são identificadas a outros animais, preservando a distância que separa seu mundo da realidade humana. A linguagem técnica mantém o caráter utilitário do texto, como, por exemplo, o termo *alvi*, que designa especificamente “colmeias”. Virgílio, por exemplo, na passagem análoga, utilizou a forma *aedibus* (v. 258), cujo sentido primeiro é ‘habitação’ e apenas no plano figurado significa ‘colmeias’.

A segunda categoria de enfermidade abarca as doenças que são passíveis de diagnóstico e tratamento. Na passagem analisada, elas são classificadas em

<sup>7</sup> “Nem a onda do mar brame assim contra a praia, impelida do mar alto pelo sopro pavoroso do Bóreas; nem assim é o bramido do fogo ardente nas clareiras das montanhas, quando salta para queimar a floresta; nem o vento grita assim através das copas dos carvalhos, ele que brame com mais força na sua fúria – pois assim era o clamor de Troianos e Aqueus, gritando terrivelmente ao atirarem-se uns aos outros” (HOMERO, 2013, p. 425).

quatro grupos, segundo as causas ou sintomas que as abelhas apresentam: uma, a mais séria delas, provoca diarreia; outra as deixa eriçadas e encolhidas; outra causa uma espécie de gangrena; e a quarta é a fadiga, quando falecem esgotadas pelo excessivo trabalho. As doenças são diagnosticadas e medicamentos prescritos para que o apicultor os ministre em tempo hábil para preservar seus enxames. O *annuus labor*, “enfermidade anual”, por exemplo, que lhes causa diarreia, acomete as abelhas no início da primavera, quando a erva-de-maleitas e o olmo florescem e atraem primeiro as abelhas famintas após o longo inverno. Esse alimento, segundo o agrônomo, se consumido em abundância, *animalium ventrem solvit, et... apium*, “solta o ventre dos animais... e o das abelhas”. Antes de preceituar os medicamentos que a previnem, o agrônomo menciona que Higino<sup>8</sup>, seguindo os autores antigos, recomendara um tratamento que ele próprio não ousaria aconselhar, visto que não o experimentara: para Higino, os corpos das abelhas mortas por tal enfermidade, se guardados em lugar seco durante o inverno e perto do equinócio da primavera forem levados ao sol matutino e cobertos com cinza de figueira, reanimam-se em duas horas; e caso se lhes apresente uma caixa preparada, entram. Logo após a recomendação de Higino, Columela apresenta a sua; e nessa ordem há certamente a intenção de opor a fórmula de Higino ao tratamento ‘científico’ que ele propõe. Para evitar essa enfermidade, o agrônomo recomenda que o apicultor ministre sementes de romã moídas e umedecidas com vinho ou uvas-passas piladas com igual quantidade de malobrato; se esses medicamentos não surtirem efeito, recomenda que eles sejam misturados em igual quantidade e fervidos num vaso de argila com vinho e servido às abelhas frio em cochos de madeira.

O seu “racionalismo” e “empirismo” intervêm ativamente na análise de preceitos dos autores que cita e comenta. Embora não aprove a prática prescrita por Higino, concede que os apicultores a verifiquem empiricamente; contudo, tal postura não significa concessão às crenças de seus precursores temáticos em rituais, mas uma tática cuja finalidade é revelar a ineficácia de tais procedimentos. Para controlar as doenças que lista, receita medicamentos cuja validade ele comprovava em suas colmeias.

Segue-se a descrição das demais doenças que acometem as abelhas. A quarta, e última delas, desperta-nos especial atenção por sua causa e ‘medicamento’ sugerido pelo agrônomo. A fadiga por excesso de trabalho ocorre durante os anos contínuos em que os campos produzem flores em abundância, circunstância em que as abelhas se dedicam integralmente à

<sup>8</sup> *Higino*: Caio Julio Higino (64 a.C.-17 d.C.), um liberto espanhol de Augusto e amigo de Ovídio; um dos maiores eruditos de seu tempo, que desempenhou a função de bibliotecário da Biblioteca Palatina. Escreveu uma obra intitulada *De agricultura* e um livro *De apibus* (“Sobre as abelhas”), do qual temos apenas notícias (AGUILAR, 2006, p. 257 e HARVEY, 1998, verbete: *Higino*).

produção de mel e negligenciam a de novas crias. Nesses períodos, o apicultor deve acautelar-se, e não ignorar que a produção farta de mel representa uma ameaça iminente ao enxame, pois a população de abelhas não é reposta à medida que morre e as restantes, em menor número, também perecem fatigadas. Para evitar esse mal, Columela recomenda que,

[...] *si tale ver incessit, ut et prata et arva floribus abundant, utilissimum est tertio quoque die exiguis foraminibus relictis per quae non possint exire alvorum exitus praeccludi, ut ab opere mellifico avocatae, apes quoniam non sperent se posse ceras omnes liquoribus stipare, fetibus expleant.* (DRR IX, 13, 14)

[...] se veio uma tal primavera que os prados e campos abundam em flores, também é muito útil, no terceiro dia, serem fechadas as saídas das colmeias (deixando-se pequenas aberturas pelas quais não possam sair), para que, chamadas do trabalho de produção do mel, as abelhas, por não terem esperança de poder encher todos os alvéolos com o líquido, encham-nos de crias. (Trad. nossa)

Nessa passagem, recomenda-se trancar as abelhas um dia a cada três, para que se dediquem também à produção de novas crias. Trata-se (parece-nos) de uma recomendação sobre manejo sustentável das colmeias. A apicultura era uma atividade comercial muito importante em uma época em que o mel exercia a função que hoje tem o açúcar. Os apicultores, naturalmente, procuravam aproveitar as épocas em que havia abundância de flores nos campos para aumentarem a produção de mel e, conseqüentemente, a renda, mas tal prática poderia ameaçar a sobrevivência do enxame. Columela, então, adverte os criadores a respeito do perigo que ameaça os enxames e prescreve a referida técnica, a fim de assegurar por meio de tal medida paliativa que a produção não seja comprometida a longo prazo.

b) *Bugonia* – *Geórg.* (IV 295-314) e *DRR* (IX, 14)

Trataremos, por fim, da *bugonia*, crença (na Antiguidade) de que a partir da carcaça de um bovino ocorreria geração espontânea de abelhas. A maioria dos autores que trataram do tema, exceto Aristóteles, creem na eficácia desse procedimento para formar novos enxames.<sup>9</sup> Varrão, por exemplo, diz que “as abelhas nascem em parte de abelhas, em parte do cadáver putrefato de um boi” e, citando Arquelau, que elas são “filhas errantes de uma vaca morta” (VARRÃO, 2012, p. 251).

<sup>9</sup> “Tal vez con la sola excepción de Aristóteles, la mayor parte de los poetas y tratadistas de estos temas creen en este procedimiento para la procreación de las abejas. Columela, que cita a Virgilio, Magón, Demócrito y Celso como tstimonios del método aludido, lo hace con cierto escepticismo por su parte” (VIRGÍLIO, 2008. p. 371. nota 27).

Em progressivo crescendo, notável pela dinâmica estrutural do livro, Virgílio prepara a apresentação do tema a partir de uma hipótese:

*Sed si quem proles subito defecerit omnis  
nec genus unde nouae stirpis reuocetur habebit,  
tempus et Arcadii memoranda inuenta magistri  
pandere quoque modo caesis iam saepe iuuenis  
insincerus apes tulerit cruor.* (Geórg. IV 281-285)

Mas, subitamente, se toda a prole tiver faltado a alguém, nem tiver de onde ser retomada a origem de uma nova estirpe, é tempo de revelar a descoberta memorável do pastor da Arcádia e de que modo o sangue corrompido de novilhos imolados gerou muitas vezes abelhas. (Trad. nossa)

Nessa passagem, Virgílio anuncia que a perda hipotética dos enxames pode ser remediada por meio da bugonia, cuja invenção atribui ao pastor Aristeu. Esse tema é desenvolvido em duas passagens: a primeira (Geórg. IV, 295-314), que finaliza a primeira parte do canto IV, apresenta traços predominantemente descritivos. Aqui, a bugonia é apresentada como uma espécie de técnica para recompor enxames perdidos que consiste basicamente em encerrar em um recinto estreito, com aberturas aos quatro ventos, por onde também entre luz, um novilho de dois anos morto a pancadas, cujas narinas e boca foram vedadas; debaixo de seu cadáver, adicionam-se ramos de tomilho e caneliras, plantas apreciadas pelas abelhas. (Cf. THOMAS, 2003, p. 200.) Em nove dias o processo se completaria com a formação de novos enxames.

Um aspecto notável dessa passagem, muito bem marcado nos primeiros versos, é a acumulação de termos que indicam a necessidade da estreiteza do recinto em que se deposita o corpo do novilho morto: *exiguus* (IV 295), “exíguo”, *contractus* (IV 295), “se reduz”, *angustique* (IV 296), “angusta”, e *artis* (IV 297), “apertadas”. A descrição termina com uma vívida representação do processo de formação e nascimento das abelhas, cuja intensidade é marcada por articuladores discursivos que balizam a ordem dos acontecimentos: *primo* (IV 310), “primeiro”, surgem formas desprovidas de pés, *mox* (IV 310), “logo”, começam a zumbir as asas, *magis magis* (IV 311), “mais e mais”, ganham o ar, *donec* (IV 312), “até que”, como chuva de nuvens estivais ou flechas de vibrante arco, *erupere* (IV 313), “se lançam”.

A segunda menção à *bugonia* (Geórg. IV, 528-558) vem no fim da segunda parte do canto IV e remata o mito de caráter etiológico em que o pastor Aristeu realiza um ritual purificador, segundo as orientações de sua mãe, a ninfa Cirene, para obter o perdão dos deuses que o puniram com o extermínio de suas colmeias por ele ter causado, involuntariamente, a morte de Eurídice, e assim obter novos enxames que renasceriam das carcaças dos bovinos sacrificados. Esse *aition* de Aristeu vem imediatamente após o *epyllion*

de Orfeu e Eurídice (*Geórg.* IV, 453-527). Virgílio encerra as *Geórgicas* com duas espécies literárias gregas – a primeira de caráter elegíaco, a segunda, épico –, como a sugerir uma “concepção poética do mundo”<sup>10</sup>. A crítica tem buscado explicar o papel dessa parte do poema na composição das *Geórgicas*, sem chegar a consenso. De fato, nas *Geórgicas*, o poeta constrói uma obra de arte alusiva, cujos versos suscitam sugestões várias.<sup>11</sup>

Columela apenas menciona a bugonia, apoiando-se em Demócrito, Magão, Virgílio e Celso (e nessa lista se manifesta o hábito ‘científico’ do agrônomo em validar suas posições) como testemunhas da referida prática: *hoc eodem tempore progenerari posse apes iuvenco perempto, Democritus et Mago nec minus Vergilius prodiderunt. Mago quidem ventribus etiam bubulis idem fieri affirmat*; “Demócrito, Magão e também Virgílio deram a conhecer que as abelhas podem ser geradas, ao tempo, de um novilho morto. Magão decerto afirma que o mesmo também pode acontecer a partir de entranhas bovinas”. O agrônomo, porém, mostra-se cético em relação à eficácia desse recurso e, apoiando-se em Celso, diz que as abelhas não morrem em tão grande quantidade que seja preciso recorrer a tal artifício para recompor os enxames. E, por essa razão, ele que sempre prima pelo detalhamento minucioso das técnicas e instruções, quando elas têm efetiva aplicação nas atividades agrárias, prefere o silêncio por julgar supérfluo detalhar o método.

#### IV

Em síntese, observa-se que Virgílio organiza o conteúdo técnico-científico segundo operações calculadas de seleção e omissão de termos, segundo intenções ideológicas e efeitos poéticos pretendidos. Columela, por sua vez, escreve em prosa, mas como o discurso contínuo se torna monótono e aborrece a quem o lê, introduz citações poéticas (sempre de Virgílio) que o tornam mais agradável. De modo geral, o tratado columeliano apresenta as seguintes características: (a) linguagem informativa com presença de marcadores discursivos que indicam os andamentos do discurso, (b) enumeração abundante e ordenada segundo critérios concretos, (c) discurso

<sup>10</sup> [...] les développements, d’origines diverses, sont assemblés par le poète de manière à former une ample méditation, dans laquelle tout est pensé en fonction d’une conception poétique du monde, lyrique, si l’on entend par là qu’elle emplit l’âme de Virgile, épique, si l’on préfère se souvenir qu’elle décrit la formation de tout ce qui est (GRIMAL, 1985, p. 121).

<sup>11</sup> “[...] a partir das *Geórgicas*, os seus versos são dos de mais tormentosa interpretação. A rara sabedoria em espremer as mais íntimas vibrações de cada palavra e de cada construção, em criar [...] as recordações mais impensadas, faz com que cada verso de Virgílio esconda um problema exegético, que numerosos significados se estratifiquem, um sobre o outro, em cada frase” (PARATORE, 1983, p. 392).

que revela preocupação com questões econômicas, e (d) uso de argumento de autoridade por meio de citações de teóricos variados.

A análise que realizamos indicou, ainda, algumas particularidades que caracterizam as duas obras. Uma primeira distinção se refere à diferença genérica – as *Geórgicas* (poema didático) pertencem a uma tradição caracterizada pela presença de elementos próprios desse gênero; o livro IX do *De re rustica*, por outro lado, é uma obra técnica em prosa. Naturalmente, essa diferença básica e essencial determina a maneira especial como, em uma e outra obra, a língua latina é acionada para dar forma a um mesmo tema. As várias digressões disseminadas nas *Geórgicas*, por exemplo, ainda que desempenhem papel didático-instrucional na obra, são elaborações discursivas que raramente identificamos no livro IX do *De re rustica*.

Outra distinção diz respeito à eleição do tema. Virgílio dedica o canto IV unicamente às abelhas; e tal exclusividade é significativa, pois revela de modo indubitável não só a importância econômica atribuída pelo poeta a esses pequenos insetos na sociedade romana, mas também sua decisão de eleger um tema que lhe inspira sugestões poéticas e simbólicas. Para Pierre Grimal:

O quarto canto nos faz progredir um pouco mais na hierarquia dos seres; com as abelhas, nós estamos já quase entre os homens. Outros animais não sabem como se organizar em sociedades. As abelhas, por outro lado, dão um exemplo de disciplina e concordância, que pode servir de modelo (e lição) para os contemporâneos do poeta. Elas praticam todas as virtudes que praticam os humanos – trabalho duro, heroísmo para defender seu rei e, como dissemos, eles conhecem o valor da glória! Se é verdade que os filósofos definiram, unanimemente, o homem, dizendo que é “um animal sociável”, capaz de se organizar em cidades, então as abelhas são verdadeiramente “humanos”, e Virgílio não pode deixar de se colocar a questão de saber se esta conduta maravilhosa dos insetos da colmeia não requer a intervenção de uma inteligência.<sup>12</sup>

Por essa passagem, somos informados de que as abelhas se apresentam como exemplo modelar de disciplina e harmonia aos cidadãos romanos contemporâneos do poeta. Elas praticam as virtudes que os humanos deveriam praticar – dedicação ao trabalho, heroísmo na defesa do rei e reconhecimento

<sup>12</sup> “Le quatrième chant nous fait progresser un peu plus dans la hiérarchie des êtres; avec les abeilles, nous sommes déjà presque parmi les hommes. Les autres animaux ne savent pas s’organiser en sociétés. Les abeilles au contraire donnent un exemple de discipline et de concorde, qui peut servir de modèle (et de leçon) aux contemporains du poète. Elles pratiquent toutes les vertus que devraient pratiquer les humains, l’ardeur au travail, l’héroïsme, pour défendre leur roi et, nous l’avons dit, elles connaissent la valeur de la gloire! S’il est vrai que les philosophes définissaient, unanimement, l’homme en disant qu’il est ‘un animal sociable’, capable de s’organiser en cités, alors les abeilles sont véritablement des ‘humains’, et Virgile ne peut s’empêcher de se poser la question de savoir si cette conduite merveilleuse des insectes de la ruche ne requiert pas l’intervention d’une intelligence” (GRIMAL, 1985, p. 123-124).

do valor da glória –, a partir do que inferimos que, se, no plano político-filosófico, o que define o homem é sua capacidade de se organizar em sociedade e constituir cidades, então, as abelhas devem ser consideradas ‘humanas’. Essa concepção é compatível com a doutrina epicurista, que, embora não ignore que os seres se organizem em níveis diferentes e hierárquicos – vegetal, animal e humano (como foi se desenvolvendo ao longo do poema virgiliano) – admite que o mecanismo fundamental da vida é o mesmo em todos os seres vivos. O epicurismo sugeriu ao poeta a existência de uma simpatia, uma afetividade e um sentimento de prazer e dor comum a todos os seres, o que, captado por sua sensibilidade, permitiu-lhe estabelecer projeções ‘de alma’ entre eles (cf. GRIMAL, 1985, p. 125-126), que, por fim, conduziram à transfiguração de um canto sobre abelhas em alegoria da vida humana. Columela, por outro lado (assim como Varrão, uma das fontes de Virgílio<sup>13</sup>), aborda o tema da apicultura juntamente com a criação de outros animais da casa de campo. Essa atitude, que de algum modo dessacraliza o tema, somada ao tratamento técnico e objetivo que o agrônomo lhe confere, estabelece uma barreira entre abelhas e humanos (semelhante àquela da doutrina estoica, que confere ao homem um lugar único na criação<sup>14</sup>), que impossibilita as ‘projeções de alma’ entre os seres que se nota em Virgílio.

Em resumo, para Columela as abelhas são animais cuja criação deve ser orientada por princípios técnicos-científicos a fim de propiciar lucro ao apicultor.

## REFERÊNCIAS

- AGUILAR, D. P. *El panorama literario técnico-científico en Roma (siglos I-II D.C.) “et docere et delectare”*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2006.
- ARMENDÁRIZ, J. I. G. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla: Universidad de Cádiz/ Universidad de Sevilla, 1995.
- CARVALHO, H. L. A metáfora das abelhas em Columela: guerra e diplomacia sob Nero. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, [S. l.], n. 18, p. 158-177, 2021.
- COLUMELA, L.J.M. *On agriculture*. London: Harvard University Press, 1968. 3v.

<sup>13</sup> “Virgílio há tenuto presente la *Historia animalium* di Aristotele (libro IX, cap. 40) e soprattutto Varrone, di cui il lungo cap. 16 del III libro *De re rustica*, dedicato alle api, offre la possibilità di confronti con numerosi passi appartenenti alla prima parte del IV libro delle *Georgiche*” (GIGANTE, 1982, p. 123).

<sup>14</sup> “Apenas ao homem foi concedida a prudência, a previdência, a diligência e a reflexão, e não somente das virtudes humanas os animais foram privados, mas também dos vícios. Toda a sua forma, tanto externa como interna, é diferente da humana. Aquela sua faculdade diretora e principal foi diferentemente formada. Assim como há neles de fato uma voz, mas indefinida, confusa e incapaz de palavras; assim como há uma língua, mas travada, sem desembaraço para os vários movimentos; assim também sua faculdade diretora é em si pouco sutil, pouco exata” (SÊNECA, 2014, p. 95).

- CONTE, G. B. *Letteratura latina: manuale storico dalle origini alla fine dell'impero romano*. Milano: Le Monnier, 2010.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- GAILLARD, S.; MARTIN, R. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan/ Scodel, 1990.
- GIGANTE, M. (org.). *Lecturae Vergilianae*. Napoli: Giannini, 1982.
- GRANATO, Lourenço. *Columela e o seu livro Cultura das Hortas*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1925.
- GRIMAL, P. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.
- GRIMAL, P. *História de Roma*. São Paulo: UNESP, 2011.
- GRIMAL, P. *Virgile, ou la seconde naissance de Rome*. Paris: Flammarion, 1985.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: grega e latina*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- MARTIN, R. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: Les Belles Lettres, 1971.
- MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.
- PARATORE, E. *História da literatura Latina*. 13 ed. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.
- SÊNECA. *Sobre a ira. Sobre a tranquilidade da alma*. Tradução, introdução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.
- SIRAGO, V. *Storia agraria romana. I. Fase ascensionale*. Napoli: Liguori, 1995.
- TREVIZAM, M. *Linguagem e interpretação na Literatura Agrária Latina*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- VARRÃO. *Das coisas do campo*. Tradução, introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- VIRGIL. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 2003.
- VIRGÍLIO. *Bucólicas, Geórgicas, Apêndice Virgiliano*. Introducción general J. L. Vidal. Traducciones, introducciones y notas por Tomás de la Ascención Recio Garcia y Arturo Soler Ruiz. Madrid: Gredos, 2008.

Recebido: 4/10/2022

Aceito: 9/10/2022

Publicado: 31/10/2022